

Da diversidade alimentar a *commodity* do café: a monopolização dos agricultores familiares na Região Imediata de Alfenas, sul de Minas Gerais – Brasil¹

Flamarion Dutra Alves

Introdução

Os incentivos à produção de *commodities* ganham cada vez mais território no Brasil, em detrimento a produção diversificada de alimentos (Alves, 2021). A presença de grandes corporações multinacionais, o uso de recursos públicos para financiamentos do crédito rural e a estrangeirização de terras são algumas bases desse processo de commoditização do território.

Considerando que o espaço rural brasileiro apresenta uma diversidade de realidades regionais e processos na sua organização, nos permite visualizar várias faces de como o capital se insere nesses espaços, ou seja, há vários agentes sociais envolvidos na produção e organização do espaço e que atuam concreta e historicamente, com interesses, estratégias, práticas e interações espaciais próprias, resultado de suas contradições e conflitos (Corrêa, 2022). Entretanto, o processo da mundialização da agricultura tem acelerado a commoditização do território e ampliado as contradições entre agricultores familiares e as cadeias produtivas do agronegócio (Alves, 2021a, Oliveira, 2016).

A região sul de Minas Gerais, mais especificamente a Região Imediata de Alfenas, está articulada a essa dinâmica do agronegócio e das relações de mundialização da agricultura via monoculturas agrícolas em detrimento a diversidade produtiva, sobretudo a de caráter familiar e das pequenas propriedades (Alves, 2021a; Vale, 2018). Salienta-se que o sul de Minas é o principal produtor de café no Brasil, e ainda apresenta crescente expansão da sojicultura e de outras *commodities*, o que tem impactado na segurança e soberania alimentar na região (Coca, 2022; Alves e Lindner, 2020; Correia, Freire e Alves, 2022).

¹ Este trabalho teve apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG (APQ-00172-22). Trabalho publicado no evento "International Conference on Global Land Grabbing / Conferencia Internacional sobre Acaparamiento Global de Tierras, Universidad de los Andes, Bogotá, Colombia 19 a 21 de março de 2024, intitulado "De la diversidad de alimentos al agronegocio cafetero: la monopolización de los agricultores familiares en la Región Inmediata de Alfenas, al sur de Minas Gerais – Brasil".

Nesse sentido, o objetivo geral é discutir o processo de commoditização do território e seus impactos na diversidade agrícola regional entre os anos de 1988 e 2022, além de compreender como o processo de mundialização da cafeicultura ocorre na Região Imediata de Alfenas – Minas Gerais, e ainda analisar a dinâmica da exportação de café na região entre 1997 a 2022.

Para isso, serão analisados os dados sobre o comércio exterior dos municípios na base *Comexstat* do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços para entendermos a dimensão da integração territorial da região com o comércio global, e ainda analisar a presença de empresas multinacionais e as relações contratuais no setor do agronegócio na região. E por fim, analisar a dinâmica da agricultura, com a área plantada e quantidade produzida no banco de dados do SIDRA-IBGE, entre os anos de 1988 e 2022, com base na Pesquisa Agrícola Municipal.

CARACTERÍSTICAS DO ESPAÇO REGIONAL: das cidades pequenas à especialização produtiva do agronegócio na Região Imediata de Alfenas

A Região Imediata de Alfenas é composta por 13 municípios (Figura 1) que se caracterizam por ter um porte populacional pequeno a médio, como é o caso de Alfenas, que centraliza as interações espaciais no contexto regional.



Figura 1 – Mapa de localização da Região Geográfica Imediata de Alfenas – MG.

A população da região em 2010 era de 199.354 habitantes, sendo que 18,3% residiam no espaço rural. Já a população oficial em 2022, apontava para um total de 249.807 habitantes (IBGE, 2010, 2022). Essa centralidade da cidade média de Alfenas se dá por vários motivos, sobretudo no setor de serviços e comércio, a presença da Universidade Federal de Alfenas e da UNIFENAS tornando um polo educacional do ensino superior (Branquinho e Silva, 2021; Figueiredo, Andrade e Alves, 2022), a presença de três hospitais que atendem a diversas complexidades com realização de cirurgias pelo SUS (Godoy e Alves, 2013). No setor agropecuário, a polarização de Alfenas se dá pelos serviços de processamento de grãos, vendas de maquinário, assistência técnica, comercialização e sede dos principais bancos que financiam o agronegócio (Alves, 2022, 2023).

Assim, a região sul mineira é caracterizada por não ter cidades grandes e apresentar uma economia diversa, mas com a agropecuária perpassando pelos setores da economia municipal, sobretudo das pequenas cidades (Alves, 2023) (Tabela 1).

Tabela 1 – População em 2022 e PIB dos municípios da Região Geográfica Imediata de Alfenas – Minas Gerais, 2021.

Município	População Total	Porcentagem da agropecuária no PIB	Porcentagem da indústria no PIB	Porcentagem dos serviços e comércio no PIB	Porcentagem da administração pública e impostos no PIB	PIB Total (mil reais)
Alfenas	78.970	8,20	14,55	59,14	18,11	3.485.867
Alterosa	13.915	30,41	5,16	35,18	29,25	296.525
Areado	13.881	18,5	9,14	41,80	30,56	309.348
Campo do Meio	11.377	29,72	4,29	33,93	32,06	231.132
Campos Gerais	26.105	38,61	4,68	32,96	23,75	704.550
Carvalhópolis	3.341	38,11	5,38	22,85	33,66	71.387
Conceição da Aparecida	10.371	38,74	4,03	32,43	24,8	274.177
Divisa Nova	5.851	38,68	4,05	29,63	27,64	129.555
Fama	2.578	35,65	5,4	29,19	29,76	58.635
Machado	37.684	14,64	12,59	44,53	28,24	1.373.850
Paraguaçu	21.723	21,12	18,96	35,22	24,7	650.754
Poço Fundo	16.390	26,25	8,35	38,3	27,1	403.867
Serrania	7.621	27,08	10,27	32,83	29,82	161.647
TOTAL	249.807	17,99%	11,82%	43,10%	27,09%	8.151.294

Fonte: Censo Demográfico (IBGE, 2022) e Contas Nacionais e Regionais - PIB (IBGE, 2021).
Elaboração: O autor.

Considerando a população recenseada em 2022, Alfenas se destaca como o principal município com quase 79 mil habitantes, seguido de Machado com quase 38 mil habitantes, e os demais 11 municípios tem uma população inferior a 30 mil habitantes, se considerarmos estudos sobre a rede urbana regional de Corrêa (1999, 2011), Andrade e Alves (2021) e Alves (2023) estas podem ser consideradas pequenas cidades, sobretudo, pela dependência de determinados setores da economia no âmbito regional, tamanho e elementos da relação campo-cidade.

A divisão do Produto Interno Bruto nos municípios da região aponta para participação acima da média nacional do setor agropecuário, enquanto a média nacional indica 6,55% em 2021, na Região Imediata de Alfenas a participação da agropecuária é de 17,99% e tem municípios com mais de 38% do PIB nesse setor, como é o caso de Campos Gerais, Carvalhópolis, Conceição da Aparecida e Divisa Nova, esses índices elevados corroboram com a proposta de Cidades do Agronegócio (Elias, 2022) ou ainda como Cidades do Café (Alves, 2022) na região. Dos 13 municípios, 10 tem mais de 20% do PIB

oriundo do setor agropecuário, e se considerarmos as atividades agroindustriais e o comércio e serviço nas cidades, esses indicadores ficam mais expressivos, pois há uma integração desses setores da economia que se reproduzem, pois as pequenas cidades tem uma forte relação campo-cidade, e uma ruralidade econômica (Alves, 2021b)

Nesse sentido, há uma especialização produtiva regional em torno da cafeicultura nesses municípios e com a infraestrutura nas cidades que dão suporte para a reprodução e ampliação do agronegócio, sendo territórios-rede que interligam o espaço local com o espaço global.

Por outro lado, mesmo os municípios com uma participação expressiva no setor industrial, como Paraguaçu com 18,96% do PIB, refletem a desconcentração industrial dos grandes centros que criou um cluster têxtil direcionado a produção de ternos, com baixas remunerações e relações de trabalhos precárias, inclusive com a expansão da terceirização (Alves e Esteves, 2020; Silva e Azevedo, 2023). O município de Machado com 12,59% do seu PIB, também se destaca pela presença de uma multinacional do ramo alimentício que se diferencia nesse processo em uma cidade intermediária. Entretanto, mesmo com essa participação próxima da média nacional, 22,51%, o agronegócio cafeeiro é expressivo e presente na economia e dinâmica das cidades pequenas da região.

Com relação a participação da administração pública e impostos no PIB, observa-se uma concentração desse segmento nas cidades pequenas que dependem basicamente do Fundo de Participação dos Municípios, que são os repasses da União para os municípios. A economia desses municípios se organiza em atender funções e estruturas do serviço público básico para população. Na região, Carvalhópolis tem quase 33,66% do seu PIB, Campo do Meio com 32,06% e Areado com 30,56%, aliado a essa característica, a agropecuária é significativamente presente na participação da economia local.

Por fim, o PIB de serviços representa a dinâmica da economia com o espaço urbano, ou seja, na região a cidade de Alfenas se destaca como principal espaço nessa função com 59,14% do PIB. Por ser um “Centro Sub-regional A” conforme a classificação das Regiões de Influência das Cidades (IBGE, 2018), Alfenas se destaca por polarizar serviços básicos e especializados de saúde, educação e comércio e influencia diretamente 14 municípios. Ao mesmo tempo, desempenha funções de serviço e comércio para atender o agronegócio, com lojas de sementes, agrotóxicos, maquinário, adubos, assistência técnica, escritórios de comercialização, exportação entre outros serviços para a cafeicultura.

Nesse sentido, a Região Imediata de Alfenas tem uma diversidade de características econômicas, mas a cafeicultura e o setor agropecuário perpassam essas interações espaciais nos vários segmentos da sociedade e da economia.

COMMODITIZAÇÃO DO TERRITÓRIO E A CAFEICULTURA

O processo de integração entre os espaços locais e o espaço global se dá cada vez mais por atores mundializados na agricultura interligando territórios-rede via capital monopolista. A ação de empresas nacionais, sobretudo cooperativas, e empresas multinacionais no território nacional tem se ampliado provocando uma substituição de culturas agrícolas, antes diversa na base da policultura, por monocultivos considerados *commodities*.

Essa substituição das culturas agrícolas, tem como objetivo atender a demanda do mercado global, promover alta rentabilidade as empresas envolvidas e os interesses externos. Como consequência, tem-se uma super especialização produtiva, tanto do grande como do pequeno produtor (Oliveira, 2007). Outra característica desse processo é a dependência do setor financeiro no processo produtivo e o consequente endividamento dos agricultores familiares, bem como a volatilidade dos preços das *commodities*.

Dessa forma, esse processo é entendido como:

[...] a commoditização do território se caracteriza pela diminuição de variedades agrícolas associadas a uma expansão de grãos e cultivos, destinados a atender o mercado externo e agroindústrias nacionais. Essa commoditização do território tende a homogeneizar a paisagem rural, reduzindo a presença de pessoas, a diversidade de objetos e ações na morfologia socioespacial, da diversidade da agricultura familiar a monocultura da grande propriedade, e por fim, essa commoditização é amparada e subsidiada com recursos do Estado, em formas de políticas de crédito e financiamento (ALVES, 2021, p.141).

Oliveira (2002) vai trazer dois processos contraditórios de uso e apropriação do território na mundialização da agricultura: a territorialização do capital e a monopolização do território pelo capital. Essas duas formas vão reproduzir em grande medida o que ocorre na commoditização do território. Enquanto a territorialização capital na agricultura se dá com a instalação, apropriação, posse da terra, investimento externo direto em infraestrutura por empresas multinacionais e corporações em lugares estratégicos, no qual podem utilizar os maquinários e realizar os processos produtivos via mecanização e com recursos digitais e tecnologia de ponta.

De certa forma, estes territórios estão em áreas privilegiadas de infraestrutura técnica-científica, logística, relevo menos acidentado para utilização de maquinário em grande escala e recursos ambientais disponíveis, sobretudo recursos hídricos, são esses recursos do território e o território como recursos (Benko e Pecqueur, 2001) que esses atores visam se apropriar.

Além da homogeneização da paisagem rural com os monocultivos e a baixa presença dos agricultores no campo, algumas cidades ganham novas formas e funções para subsidiar as demandas do agronegócio, seja na venda de insumos, implementos, grãos para o plantio, seja nas lojas especializadas de maquinários e demais produtos, feiras agropecuárias que promovem encontros de empresas para comercializar produtos e serviços inovadores para o agronegócio, bem como escritórios, armazéns e comércios especializados em compra e venda, seja no país ou para o exterior. Nesse sentido, essa especialização funcional nas cidades, chamadas do agronegócio (Elias, 2022), ou ainda na Região Imediata de Alfenas, Cidades do Café, esse processo é uma consequência da commoditização do território.

O Brasil se destaca como principal produtor de café no mundo (Figura 2) com 32,8% da produção total.

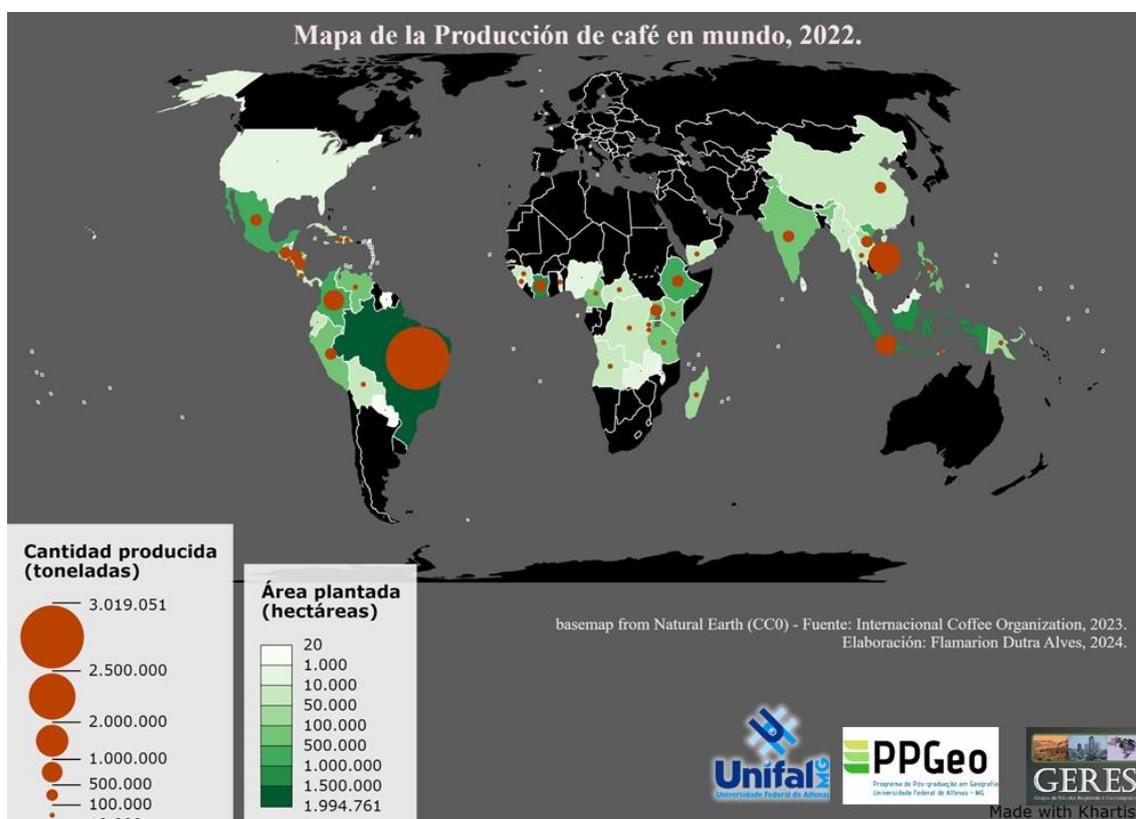


Figura 2 – Mapa da produção de café em mundo, 2022.

Considerando a área plantada de café são quase 11 milhões de hectares dispersos pelo mundo, destes 1.994 milhões de hectares estão no Brasil, representando 18,2% das áreas plantadas. Na sequência vem Indonésia com 1.228 milhões de hectares, Costa do Marfim com 1.058 milhões de hectares e Colômbia com 865 mil hectares, somente estes 4 países concentram 47% da área plantada de café.

Com relação a 9.2 milhões de toneladas de café produzida, ela não está associada somente a área plantada, pois as técnicas utilizadas, variedades de espécies, tipos de solos, clima, mão-de-obra e outros fatores interferem na produtividade. Nesse caso, o Brasil ocupa o primeiro lugar com 3.019 milhões de toneladas, seguido do Vietnã com 1.460 milhões de toneladas, Colômbia com 745 mil toneladas e Indonésia com 639 mil toneladas, estes 4 países concentram 63,6% da quantidade produzida de café no mundo.

Esse processo de commoditização do território traz consigo a mercantilização agrícola, (neo) extrativismo e a dependência econômica-financeira dos agricultores, sobretudo, nos países latino-americanos (Barzola, 2019, Gálvez, 2020) que associado a esse processo acarreta uma degradação e precarização do trabalho (Riella e Mascheroni, 2015).

A lógica do progresso e desenvolvimento com a inserção cada vez maior da agricultura numa relação de globalização neoliberal, só aumenta os diversos conflitos, sejam eles socioculturais, políticos econômicos e ambientais (Porto-Gonçalves, 2014), reduz a autonomia das populações locais pela dependência do mercado de *commodities*, e consequentemente, vivem as oscilações e demandas externas em seu território.

Nesse sentido, a commoditização do território é um processo presente na formação socioespacial brasileira que vem se aperfeiçoando, com novas técnicas, infraestruturas, normas e atores que atuam dentro da lógica global.

Da policultura a monocultura agrícola: a commoditização na Região Imediata de Alfenas

Com a expansão do agronegócio no território brasileiro e a inserção da mundialização da agricultura, a dinâmica da produção de alimentos tem sido comandada por grandes corporações e empresas multinacionais que monopolizam o mercado alimentar.

Além da redução da diversidade agrícola, tem-se um aumento da dependência externa e do mercado financeiro, devido aos preços futuros e dolarizados das *commodity*, o que gera impactos diretos no preço dos alimentos e da inflação.

A partir de Galeano (2019, p.7), quando diz que “a monocultura é uma prisão. A diversidade, ao contrário, liberta”, entendemos que o território que suprime elementos da diversidade, sejam eles vegetais ou animais, tem um impacto sociocultural tão devastador quanto econômico. Nesse sentido, a commoditização do território se caracteriza pela diminuição de variedades agrícolas associadas a uma expansão de grãos e cultivos, destinados a atender o mercado externo e agroindústrias nacionais.

Essa commoditização do território tende a homogeneizar a paisagem rural, reduzindo a presença de pessoas, a diversidade de objetos e ações na morfologia socioespacial, da diversidade da agricultura familiar a monocultura da grande propriedade, e por fim, essa commoditização é amparada e subsidiada com recursos do Estado, em formas de políticas de crédito e financiamento. Apenas para exemplificar, em 2023, o crédito rural no Brasil atingiu a marca de 399 bilhões de reais², e desse valor apenas 13,6% foi destinado ao PRONAF, que atende a agricultura familiar, ou seja, os sucessivos governos ao longo do século XX e XXI, subsidiam largamente a commoditização do território brasileiro.

Em 34 anos de análise da produção agrícola na Região Imediata de Alfenas, observa-se um panorama devastador do ponto de vista alimentar e da diversidade (Tabela 2), em prol do aumento de *commodities*, neste sentido, pode-se afirmar que ocorre uma comoditização do território.

² Dados disponíveis na Matriz de Dados do Crédito Rural no Banco Central do Brasil. Acesso em: <https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/micrrural>

Tabela 2 – Área plantada de culturas agrícolas na Região Imediata de Alfenas em 1988 e 2022.

Cultura agrícola	1988	2022
	Área plantada em hectares	
Alho	76	-
Arroz	22.101	15
Banana	608	335
Batata-Inglesa	1.740	480
Café	73.875	82.265
Cana-de-açúcar	13.437	8.001
Feijão	11.875	8.470
Laranja	3.474	132
Limão	39	121
Mandioca	250	129
Milho	24.950	33.795
Soja	950	32.015
Tangerina	349	60
Tomate	46	133
Total	153.770	165.951

Fonte: Pesquisa Agrícola Municipal, 1988 e 2022. Elaboração: Flamarion Dutra Alves.

No contexto da comoditização do território, observa-se um crescimento da área plantada do café, em 11,36%, o milho de 35,45% e a soja em mais de 3.270%. Essas três culturas agrícolas em 1988 ocupavam 64,9% do território, em 2022 atingiu 89,2% do total, potencializando uma homogeneidade na produção agrícola, confirmando assim uma comoditização do território.

A área plantada de alimentos que estão na dieta da população e que abastecem os centros urbanos, tem diminuído ao longo das últimas três décadas e meia. Há uma comoditização do espaço rural na Região Imediata de Alfenas, ou seja, da diversificação alimentar à uma monocultura de grãos para exportação e servindo de matéria-prima para rações e outros fins.

Os alimentos que mais perderam território na região foram o arroz, que perdeu 99,9% da área de 1988, ficando com apenas 15 hectares em 2022, a laranja, que teve sua área reduzida em 96,2% em 34 anos, ocupando apenas 132 hectares na região, o alho que também teve sua área reduzida em 100%, e em 2022 não é encontrado mais no espaço rural, a batata inglesa que também teve uma redução de 72,4% em 34 anos, e a mandioca, que teve redução de área em 48,4%, e em 2022 ocupa apenas 129 hectares na região.

Esses alimentos são característicos da agricultura familiar e estão presentes na dieta da população brasileira, ou seja, esses espaços foram ocupados por outras culturas agrícolas, que estão no bojo do agronegócio, como o café, soja e milho.

A seguir, analisaremos a periodização de algumas culturas agrícolas na região (Gráfico 1), para entender esse processo de substituição dos alimentos por *commodity*.

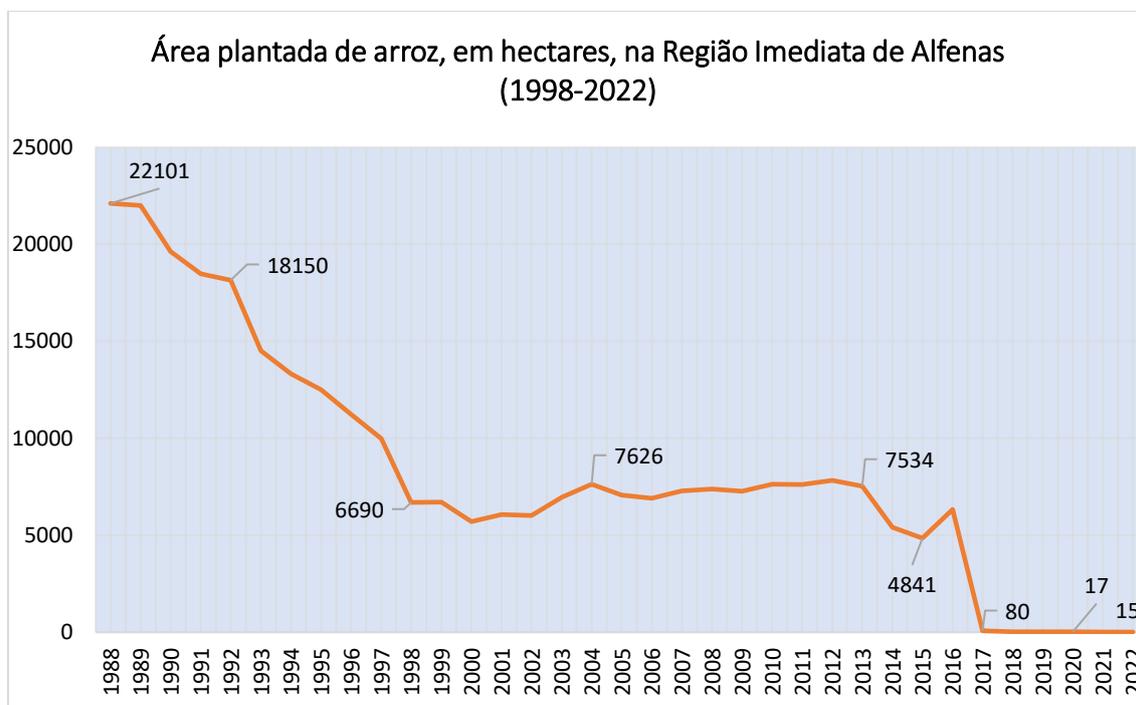


Gráfico 1 – Área plantada de arroz na Região Imediata de Alfenas – MG, entre 1988 e 2022.

Fonte: Pesquisa Agrícola Municipal do IBGE, 1988-2022. Elaboração: Flamarion Dutra Alves.

A rizicultura perdeu 99,9% da sua área em 34 anos na região de Alfenas, em 1988 havia 22.101 hectares, onde o município de Campos Gerais detinha quase 6 mil hectares, seguido de Campo do Meio com 5.775 ha e Alfenas com 4.278 ha. Desde então, houve uma queda significativa e desde 1998, a área plantada oscila muito pouco, e alguns municípios praticamente reduziram a área plantada arroz a poucos hectares, como é o caso de Campo do Meio que tem apenas 8 hectares em 2022 e Alterosa 4 hectares.

Ainda entre as culturas agrícolas que perderam espaço, destaca-se a batata-inglesa (Gráfico 2).

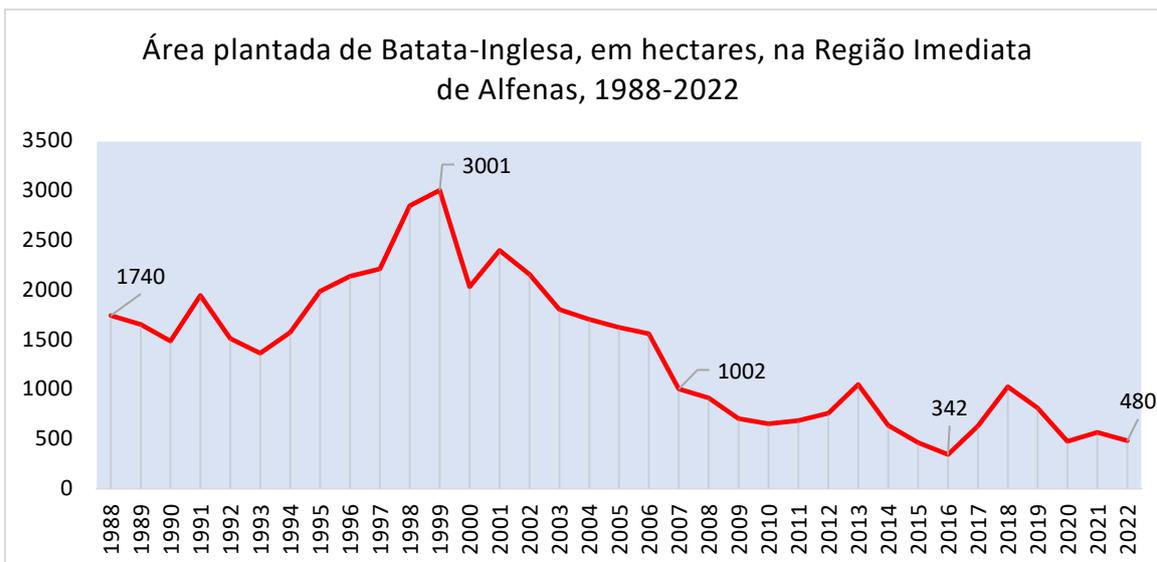


Gráfico 2 – Área plantada de batata-inglesa na Região Imediata de Alfenas – MG, entre 1988 e 2022.

Fonte: Pesquisa Agrícola Municipal do IBGE, 1988-2022. Elaboração: Flamarion Dutra Alves.

Outro alimento típico da agricultura familiar e presente na dieta da população é a batata. Essa cultura agrícola teve uma queda de 72,4% de sua área plantada e 34 anos. Houve oscilações nesse período, quando atingiu em 1999 o ápice da área plantada com mais de 3 mil hectares, porém, a queda foi significativa, chegando a apenas 342 hectares plantados em 2016, e em 2022 a região planta 480 hectares. Entre os municípios que mais perderam área Alfenas que tinha 780 ha em 1988 e em 2022 detinha 250 ha de batata, e oito municípios deixaram de produzir em 2022 são eles: Areado, Campo do Meio, Carvalhópolis, Conceição da Aparecida, Fama e Serrania.

Outra cultura típica da agricultura familiar é a mandioca (Gráfico 3), esta também teve sua área reduzida nesse período de análise.

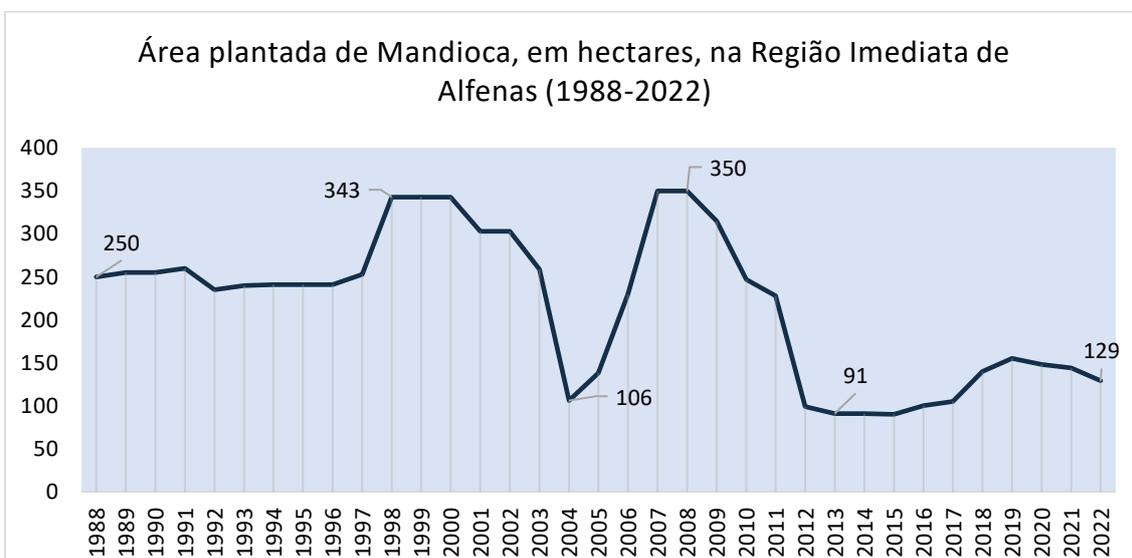


Gráfico 3 – Área plantada de mandioca na Região Imediata de Alfenas – MG, entre 1988 e 2022.

Fonte: Pesquisa Agrícola Municipal do IBGE, 1988-2022. Elaboração: Flamarion Dutra Alves.

A mandioca é considerada um alimento tradicional e com muitos usos na alimentação da população brasileira, e amplamente produzida pela agricultura familiar em diversas regiões do país. Entretanto, sua área na Região Imediata de Alfenas foi reduzida nesses 34 anos de análise. Em 1988 a mandiocultura ocupava 250 hectares, e todos municípios da região tinham áreas plantadas de mandioca, Alfenas com 50 hectares, Machado com 45 hectares e Campos Gerais com 41 hectares eram os principais produtores. Já em 2022, a área plantada na região atingiu apenas 129 hectares, e destes 9 municípios produziram, sendo Alfenas o principal com 50 hectares, Campos do Meio 36 hectares e Paraguaçu com 12 hectares. Alterosa, Areado, Carvalhópolis e Conceição da Aparecida deixaram de produzir neste ano.

De forma geral, os alimentos produzidos pela agricultura familiar e típicos de uma policultura agrícola, foram substituídos por *commodities* na região, destacaremos dois cultivos que ocupam mais de 68,8% do espaço rural da região, a soja e o café (Gráficos 4 e 5).

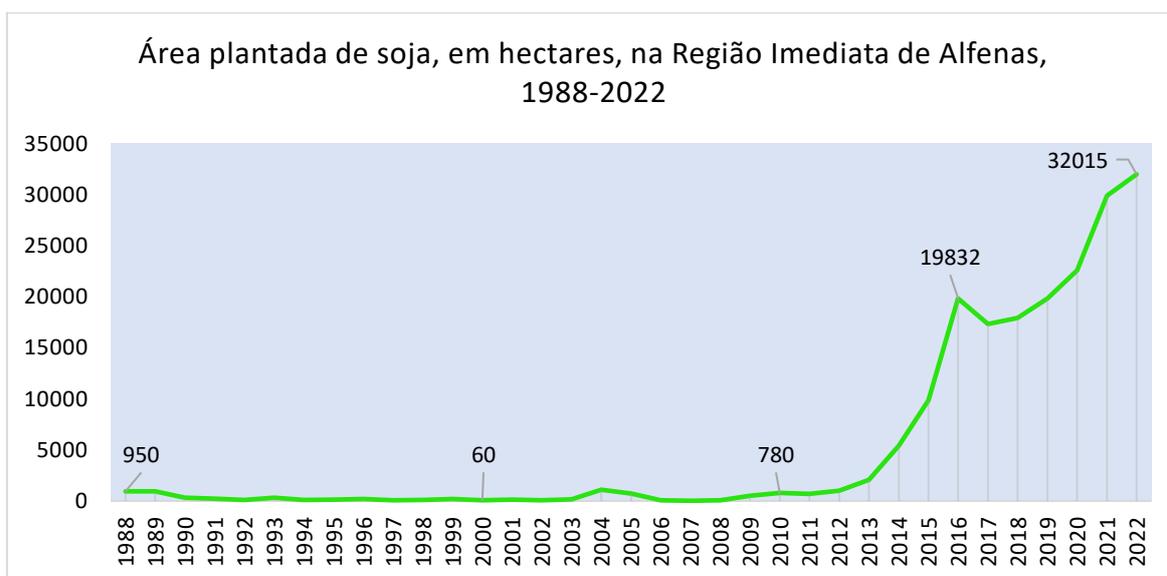


Gráfico 4 – Área plantada de soja na Região Imediata de Alfenas – MG, entre 1988 e 2022.

Fonte: Pesquisa Agrícola Municipal do IBGE, 1988-2022. Elaboração: Flamarion Dutra Alves.

A soja ocupará na região um espaço tardio, sobretudo pós década de 2010. Diferente de outras regiões agrícolas, onde a soja despontou na década de 1960 e 1970, como no sul do Brasil. Na Região Imediata de Alfenas, em 1988 apenas quatro municípios produziam soja, Alfenas com 500 hectares, Campo do Meio com 394 hectares, Machado com 36 hectares e Divisa Nova com 20 hectares. Essa dinâmica irá até 2012, onde poucos municípios da região estavam envolvidos na sojicultura e a área plantada pouco passava de 1000 hectares.

A partir de 2013 haverá um crescimento significativo e em 2022 todos municípios da região produziram soja, sendo os mais significativos Alfenas com 13000 hectares, Paraguaçu com 4700 hectares, Machado com 4000 hectares, e Campos Gerais com 3000 hectares.

Em 34 anos, de 1988 a 2022, o café é a cultura agrícola que predomina territorialmente na região (Gráfico 5), nesse período de análise mais da metade da área de lavouras permanentes e temporárias são ocupadas pela cafeicultura.

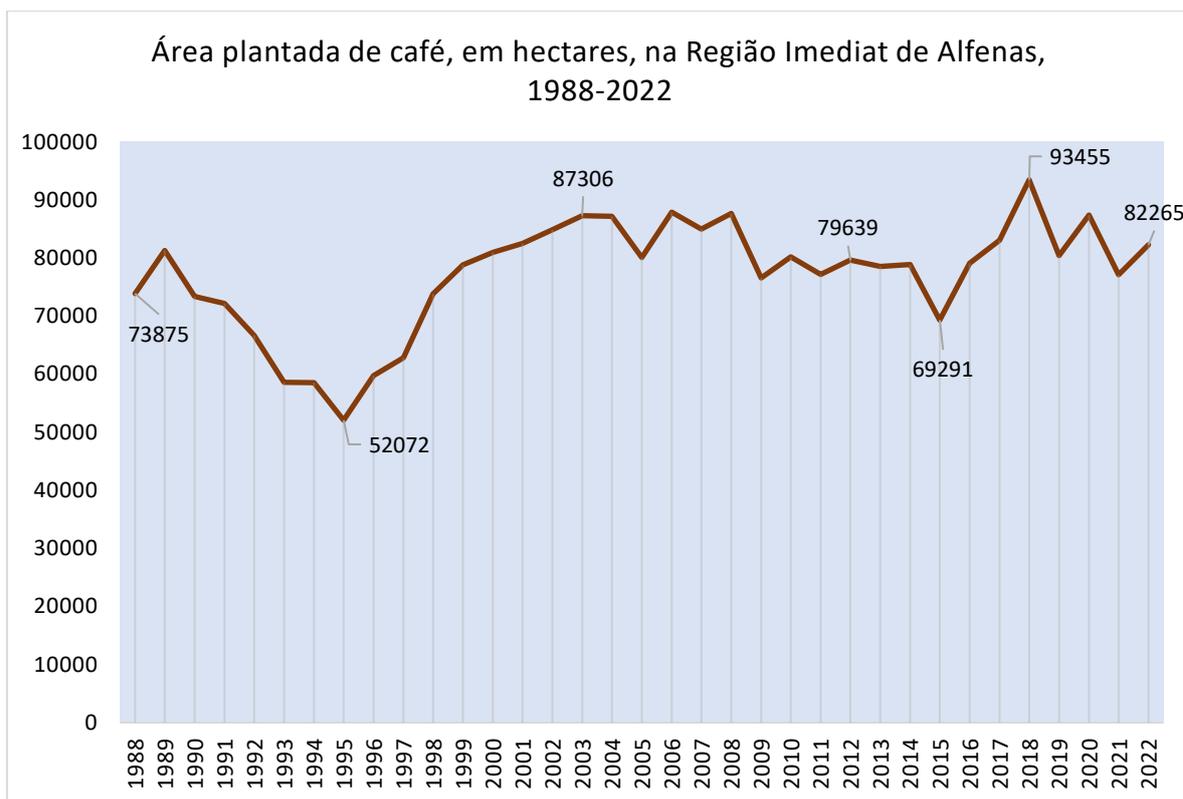


Gráfico 5 – Área plantada de soja na Região Imediata de Alfenas – MG, entre 1988 e 2022.

Fonte: Pesquisa Agrícola Municipal do IBGE, 1988-2022. Elaboração: Flamarion Dutra Alves.

Algumas oscilações ocorreram no período estudado, porém, sempre manteve a predominância da atividade agrícola na região, e em 2018 passou dos 93 mil hectares plantados de café na região, mostrando a consolidação dessa atividade nos municípios, nos quais vão se especializando cada vez mais para atender essa demanda.

Desde a década de 1990, a região de Alfenas e o sul de Minas Gerais tem se especializado produtivamente na cafeicultura, isso envolve tanto os grandes quanto os pequenos produtores. Em 2021, a área plantada de café atingiu 77.124 hectares, correspondendo a 45,7% da área agrícola da Região Imediata de Alfenas e foi produzido 105.376 toneladas de café, sendo o município de Campos Gerais o principal produtor com mais de 28 mil toneladas de café, seguido de Machado com 14.258 toneladas. A

territorialização do café no espaço rural é significativa, sobretudo em Poço Fundo onde o café está em 84,6% do espaço agrícola do município, Carvalhópolis onde o café representa 82,15% do espaço agrícola e Conceição da Aparecida com 77,6% (IBGE, 2021).

A presença de cooperativas na região é uma característica importante para a monopolização do território pelo capital (Oliveira, 2016), e amplia a difusão da cafeicultura entre os agricultores familiares e conseqüentemente a commoditização do território captura o pequeno produtor, e não apenas os médios e grandes.

Essas cooperativas fornecem insumos, matéria-prima, assistência técnica, algumas fornecem crédito, além de garantir os canais de comercialização. Fora as cooperativas, há diversas empresas de logística, assistência técnica, armazenagens, torra e moagem, compra e venda de grãos.

Além das cooperativas, há a presença de grandes multinacionais que estão territorializada em propriedades rurais ou no segmento da comercialização, com compra de grãos para exportação.

A estrangeirização de terras e a presença de multinacionais no território são as formas mais evidentes do Investimento Externo Direto (IED), quando pessoas físicas, mas sobretudo jurídicas, estão territorializadas e articuladas com o poder econômico e político do país, usufruindo de recursos financeiros de bancos estatais e de políticas públicas.

Na Região Imediata de Alfenas, destaca-se a presença da transnacional *Ipanema Coffees* no município de Alfenas, a fazenda tem mais de 6 mil hectares e desde 2012 tem como principais acionistas a norueguesa *Friele*, a alemã *Tchibo* e a japonesa *Mitsubishi*, representando esse IED na região. Além dela, pode-se citar a chinesa *COFCO International* e a *OLAM International* de Singapura, estas trabalham no setor de armazenagem e exportação.

Em 2021, todos municípios da região produziram quantidades significativas de café (Figura 3), e três municípios estão entre os 30 maiores produtores de café arábica do Brasil, Campos Gerais, Machado e Alfenas respectivamente.

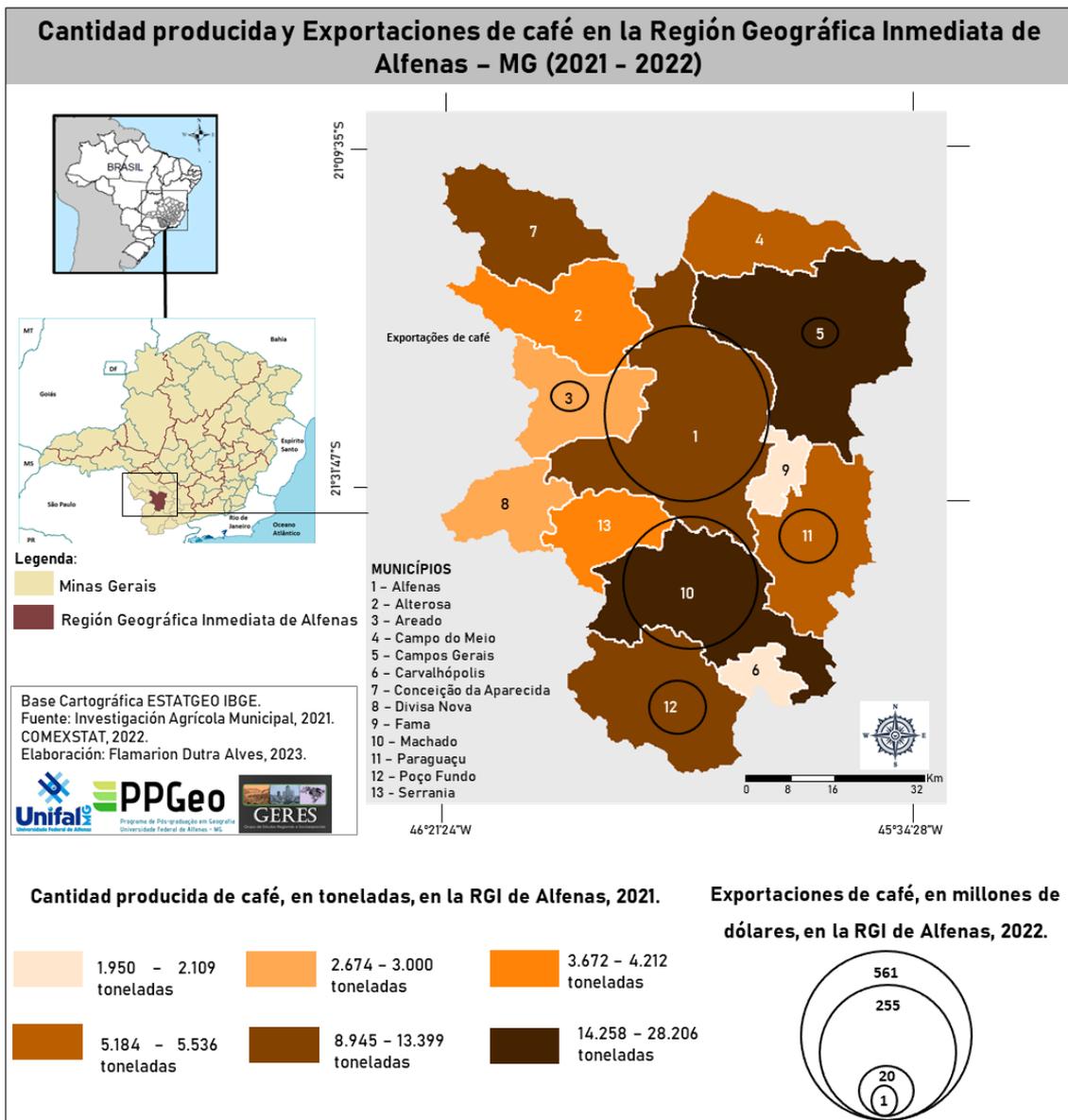


Figura 3 – Mapa com a quantidade produzida e exportações de café da Região Imediata de Alfenas – MG, 2021-2022.

Organização: Flamarion Dutra Alves.

A produção de café em 2021 totalizou mais de 105 mil toneladas de café, desse total, Campos Gerais liderou com 28.206 toneladas, sendo o 12º município no Brasil com maior quantidade produzida, Machado destaca-se com 14.258 toneladas e o 53º município com maior quantidade produzida no país, e por fim, Alfenas com 13.399 toneladas de café e ocupa a 58ª posição no ranking de municípios produtores de café no Brasil.

Os dados confirmam a commoditização do território, e o café sendo a principal atividade econômica que funcionaliza boa parte das cidades da região, criando uma

dependência econômica, com consequências ambientais e alimentares negativas com o avanço do agronegócio.

O mapa mostra que Alfenas centraliza as questões de comercialização e exportação, com mais de 561 milhões de dólares exportados de café em 2022, seguido de Machado com 255 milhões de dólares e Campos Gerais com 20 milhões de dólares. Isso mostra como as cidades estão envolvidas no processo de mundialização da agricultura, na lógica de exploração e dependência do capital externo.

A figura 3 ainda revela os principais municípios exportadores de café, ou seja, que apresentam uma infraestrutura que dê suporte a comercialização e a integração dos territórios-rede formados pelo agronegócio cafeeiro. Nesse caso, essas são as chamadas Cidades do Café (Alves, 2022) que apresentam na sua paisagem, estruturas que propiciam a mundialização da cafeicultura.

Alfenas sedia as melhores infraestruturas na região, e por isso exportou 561 milhões de dólares em grãos de café em 2022, praticamente o equivalente ao seu PIB municipal em 2020. Entretanto, como essa *commodity* não teve processo de transformação industrial, não agrega valor à economia local/regional. O município de Machado, segundo maior município da região, exportou 256 milhões de dólares e também concentra uma infraestrutura para armazenagem e comercialização do café, além desses municípios, Poço Fundo, Paraguaçu, Campos Gerais e Areado também estão integrados no processo de mundialização da cafeicultura com exportações para 58 países.

ESPACIALIDADE DA MUNDIALIZAÇÃO DA AGRICULTURA: COMÉRCIO, INVESTIMENTO EXTERNO DIRETO E RELAÇÕES CONTRATUAIS

As relações entre os espaços locais e a dinâmica global tendem a ser mais eficientes e presentes nos espaços onde as commodities estão territorializadas. Nesse sentido, uma metodologia para entender como a agricultura mundializada está espacializada é a proposta de Gonçalves (2003, p.24) que compreende “três formas básicas de internacionalização da produção: comércio, investimento externo direto e relações contratuais”.

Esses processos não estão separados ou independentes, pelo contrário, quanto mais complexa for as relações da mundialização essas formas tendem a estarem imbricadas.

As relações comerciais diante da mundialização, dá-se pelo acesso da população por importações e exportações de matérias-primas, mercadorias e qualquer produto físico. Neste caso, a venda de grãos de café se destaca como a principal forma da mundialização, ou seja, o volume de dólares movimentado e o destino da produção para diversos países.

Quanto aos serviços, para que haja a efetivação desse processo é necessário o deslocamento de pessoas físicas ou jurídicas para executar a internacionalização, como consultorias, assistência técnica para produtores e presença de feiras do agronegócio para ampliar o comércio, seja de defensivos, fertilizantes ou maquinários.

Dessa forma, a Região Imediata de Alfenas apresentou um crescimento substancial entre 1997 e 2022 no volume de exportações (Gráfico 5).

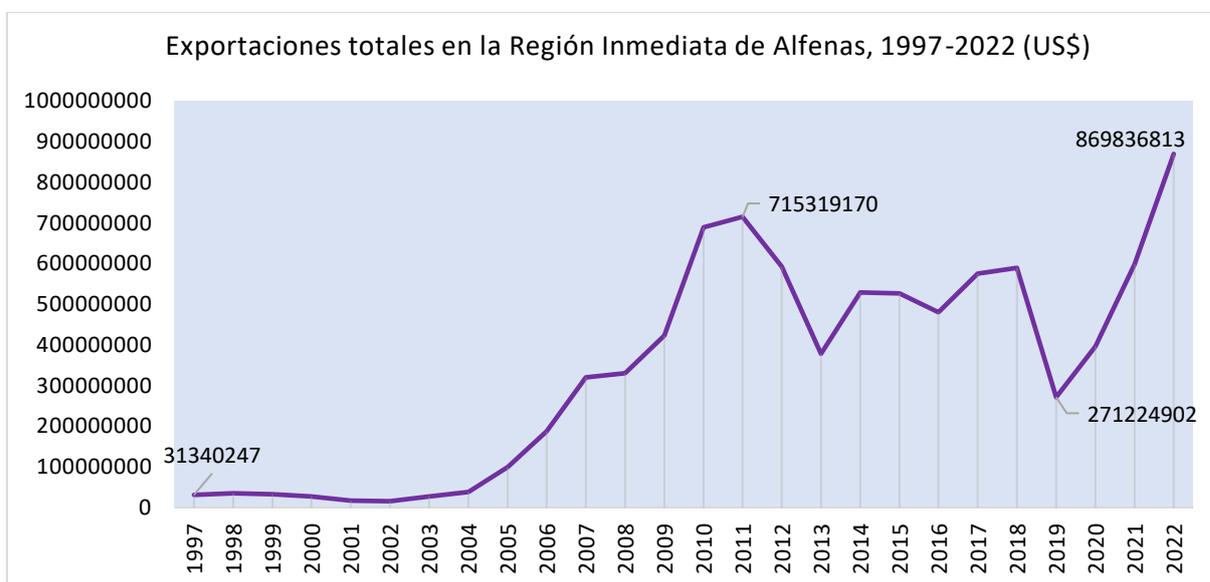


Gráfico 5 – Exportações totais na Região Imediata de Alfenas, 1997-2022 (US\$).

Fonte: *Comexstat* do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, 1997-2023.

Organização: Flamarion Dutra Alves.

Nesse período de 25 anos de análise, observa-se uma integração da Região Imediata de Alfenas ao processo de globalização via exportações. Em 1997, nos 13 municípios as exportações chegavam a pouco mais de 31 milhões de dólares, esse cenário seguiu até 2003, quando em 2004 amplia-se as exportações na região seguindo uma tendência nacional com o *boom* das commodities, e que os governos Lula de 2003 a 2010, soube investir financeiramente e ampliar esse comércio mundial (Black, 2015).

Em 2011, atinge a marca de mais de 715 milhões de dólares de exportações na região, as oscilações político-econômica que seguiram na década de 2010, direciona para uma queda

nas exportações em 2019, atingindo o patamar de 271 milhões de dólares. Entretanto, a pandemia da Covid-19 alterou a dinâmica em curso da economia, ampliando a procura por *commodities* e elevando os preços nas bolsas de valores, esse contexto fez com que a produção direcionasse para o exterior, sendo atrativa a exportação, por consequência, tem-se o aumento das exportações atingindo a maior marca na série de 869 milhões de dólares e encarecendo o produto no mercado interno.

A saber, dos mais de 869 milhões de dólares exportados, 98,6% são de café, ou seja, o agronegócio cafeeiro está territorializado regionalmente e mundializado economicamente.

Quanto ao destino dessas exportações do café, mostra-se uma mundialização em todos os continentes, com a concentração nos países centrais (Figura 4).

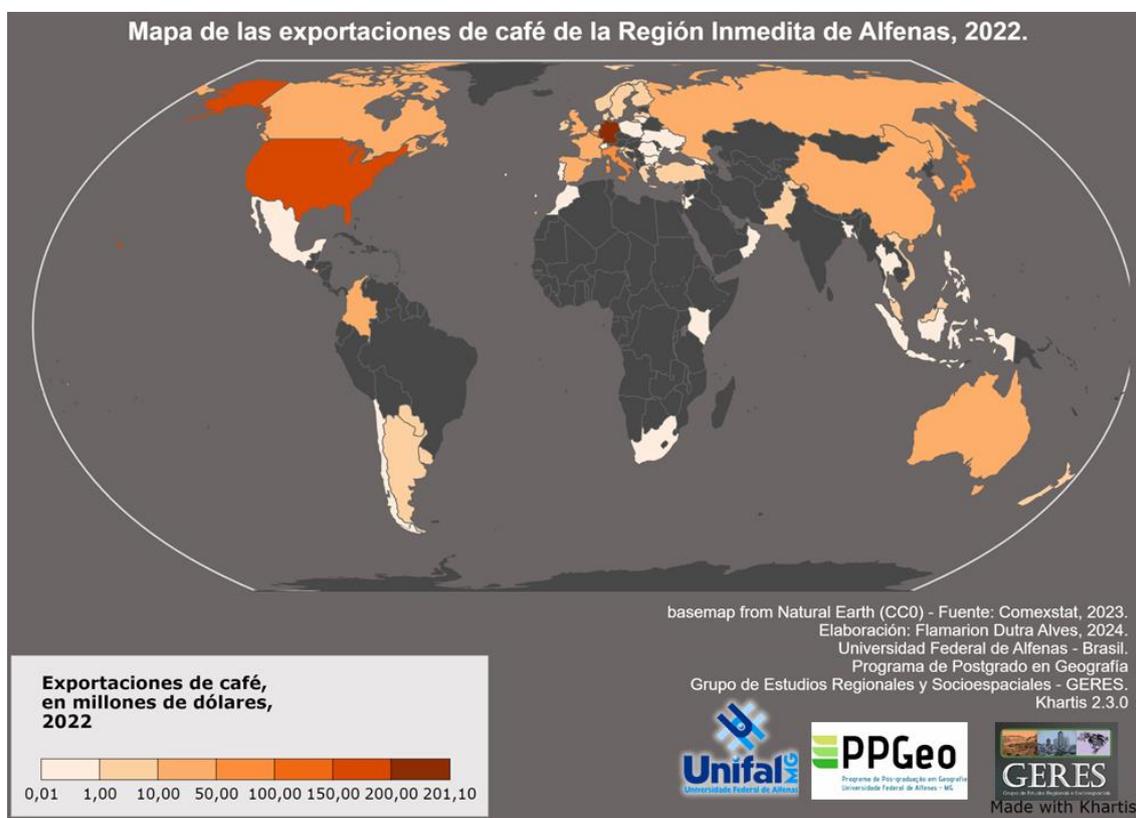


Figura 4 – Mapa das exportações do café da Região Imediata de Alfenas em 2022.
Organização: Flamarion Dutra Alves.

O mapa da figura 4 representa como o processo de mundialização da cafeicultura na Região Imediata de Alfenas está consolidada e tendo interações espaciais com 58 países. O principal destino do café da região é para Alemanha e movimentou 201 milhões de dólares em 2022, nesse país há várias empresas multinacionais que processam os grãos, onde se destaca a *Melitta*® que atende diversos mercados, mas destaca-se a presença da Ipanema

Coffee em Alfenas, onde uma das principais acionistas é a *Tchibo*, sediada na Alemanha. Na sequência, os Estados Unidos importaram 159 milhões de dólares de café da região, e neste país podemos citar a presença da *Starbucks*® como uma das principais compradoras do café, além de outras multinacionais. Destacam-se a Bélgica com 80 milhões de dólares, Itália com 75,5 milhões e Japão com 73 milhões como os principais mercados compradores do café da região. Salienta-se que a China, principal parceiro comercial de *commodity* do Brasil, ocupa a 13ª posição das exportações de café da região, com 16,2 milhões de dólares, ou seja, é um mercado com potencial para ampliar a aquisição de cafés.

A estrangeirização de terras e a presença de multinacionais no território são as formas mais evidentes do Investimento Externo Direto (IED), quando pessoas físicas, mas sobretudo jurídicas, estão territorializadas e articuladas com o poder econômico e político do país, usufruindo de recursos financeiros de bancos estatais e de políticas públicas.

Na Região Imediata de Alfenas, destaca-se a presença da transnacional *Ipanema Coffees* no município de Alfenas, a fazenda tem mais de 6 mil hectares e desde 2012 tem como principais acionistas a norueguesa *Friele*, a alemã *Tchibo* e a japonesa *Mitsubishi*, representando esse IED na região. Além dela, pode-se citar a chinesa *COFCO International* e a *OLAM International* de Singapura, estas trabalham no setor de armazenagem e exportação.

Essas exportações se dão em empresas especializadas em comercialização de grãos, sejam elas nacionais ou multinacionais, e também as cooperativas são agentes importantes na região para difusão da mundialização.

Dentre elas destacam-se a Cooperativa Agrária de Machado (COOPAMA) presente em Alfenas, Machado e Poço Fundo; Cooperativa Regional de Cafeicultores em Guaxupé (COOXUPÉ) presente em Alfenas, Campos Gerais, Alterosa, Areado e Conceição da Aparecida; Cooperativa dos Cafeicultores de Campos Gerais e Campo do Meio (COOPERCAM) presente em Campos Gerais e Campo do Meio (Figura 5); Coopercitrus Cooperativa de Produtores Rurais (COOPERCITRUS) em Alfenas; Cooperativa Agropecuária de Boa Esperança (CAPEBE) em Campo do Meio; Cooperativa Mista Agropecuária de Paraguaçu (COOMAP) em Paraguaçu; Cooperativa dos Cafeicultores da Zona de Três Pontas (COCATREL) em Campos Gerais e a Cooperativa Agropecuária de Cássia (COOPASSA). Vale citar as cooperativas que produzem cafés orgânicos, a Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região (COOPFAM) presente em Poço Fundo e a Cooperativa dos Camponeses Sul Mineiros (CAMPONESA) em Campo do Meio (Alves, 2021^a, 2023).



Figura 5 – Fotografia da filial da COOPERCAM em Campo do Meio, 2022.

Fonte: <https://www.tvuai.com.br/portal/novo-armazem-de-cafe-coopercam-sera-inaugurado-em-campo-do-meio-no-dia-30-de-abril/>

A figura 5 mostra a recente instalação de uma cooperativa em 2022 em Campo do Meio, evidenciando a territorialização constante na região para integrar mais o espaço rural com os mercados globais, ou seja, a dinâmica das infraestruturas da cafeicultura na região acompanha a tendência da demanda do mercado global de café, no período da pandemia da Covid-19 até 2023.

Por fim, outra forma de ampliar essa mundialização da cafeicultura e ampliar o comércio com os agricultores da região, trazendo inovações tecnológicas para o processo produtivo, realizações de contratos e compras são as feiras agrícolas (Figura 6).



Figura 6 – Feiras do agronegócio e café na Região Imediata de Alfenas, 2019-2023.

A) Feira do Café de Campos Gerais, 2022. Fonte: <https://www.camposgerais.mg.gov.br/portal/0/galeria-de-fotos/3417/1-feira-do-cafe-2022>

B) Feira SuperAgro Alfenas, 2023. Fonte: <https://jornaldoprodutor.com.br/superagro-reune-tecnologias-em-alfenas/>

C) Cartaz de divulgação da 4ª Festa do café orgânico *fairtrade* de Poço Fundo, 2019. Fonte: <https://www.instagram.com/p/B4Kovb7JBph/>

As feiras agrícolas são uma marca da expansão do agronegócio, pois nessas feiras estão representantes de grandes multinacionais, empresas diversas do setor, bem como são atores que estimulam ainda mais a ampliação da cafeicultura. Seguindo a lógica da expansão pós pandemia, novas feiras agrícolas da cafeicultura surgiram pós 2020, como em Campos Gerais em 2022 e em Alfenas em 2023. Já a feira em Poço Fundo, destaca-se por ser específico de cafés orgânicos dos agricultores familiares, que conta com certificações, que são demandas e relações contratuais de agentes externos, ou seja, essas certificações envolvem vários processos produtivos do plantio a colheita, nada mais é do que estratégias para ampliação dos mercados e exportações e ao mesmo tempo fixar os agricultores no campo, de forma mais sustentável e viável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão agrária regional tem mostrado as implicações do modelo baseado no agronegócio, de uma diversidade produtiva e alimentar à uma monocultura destinada a exportação. A redução de áreas para a policultura, tem relação com a baixa ocupação

territorial da agricultura familiar, os incentivos creditícios e financeiros ao agronegócio, tem ampliado a commoditização do território e a presença de grandes propriedades.

Nesse período de 30 anos estudados, constata-se como as mudanças no espaço regional são dinâmicas e como a mundialização da agricultura interferiu na paisagem rural e na organização produtiva e alimentar na Região Imediata de Alfenas.

A tendência é de uma ampliação dessa especialização funcional das cidades pequenas, sobretudo, pela cafeicultura, articulando o campo-cidade e o local-global. Entretanto, o Estado brasileiro, grande financiador do agronegócio, é o principal responsável pela commoditização do território, que deveria ampliar as políticas para a agricultura familiar, bem como diminuir a disparidade na estrutura fundiária regional.

A especialização produtiva da Região Imediata de Alfenas em torno da cadeia produtiva do café tem se complexificado neste século XXI, o volume de exportações tem aumentado ano a ano e está prestes a alcançar a casa de 1 bilhão de dólares no ano de 2023, demonstrando tal dependência das cidades nessa atividade.

As cidades do café, como Alfenas, tem atraído novos atores para os diversos segmentos desse processo produtivo, nacionais e multinacionais, ampliando as interações espaciais com lugares cada vez mais distantes e ao mesmo tempo expandido a commoditização do território.

Apesar dos altos volumes de exportação e de capital que circula no agronegócio cafeeiro, pouco se reproduz em qualidade de vida para a população regional, pois cada vez mais com atores e instituições globais envolvidos nesse mercado, o capital e o lucro são drenados para fora do país. Além disso, a produção de café sai *in natura* do país, ou seja, não agrega valor nos outros setores da economia.

Entre os efeitos da mundialização da agricultura é a diminuição de outras culturas agrícolas, que fazem parte do consumo habitual da população, isso afeta diretamente a segurança alimentar. Outro efeito é o uso de crédito abundante para essa atividade, que demonstra a financeirização dos agricultores envolvidos, e o endividamento permanente é uma consequência.

Portanto, há várias consequências e relações a serem tratadas sobre a mundialização da cafeicultura na região, tendo como contexto essa especialização produtiva, a commoditização do território, consolidação de cidades do café e a dimensão econômica da ruralidade bastante presente.

REFERÊNCIAS

ALVES, Flamarion Dutra. Da diversidade agrícola à commoditização do território: os efeitos do agronegócio na Região Imediata de Alfenas – Minas Gerais. **Boletim Alfenense de Geografia**. Alfenas. v. 1, n.2, p. 129-150, 2021a.

<http://dx.doi.org/10.29327/243949.1.2-10>

ALVES, Flamarion Dutra. Apontamentos teórico-metodológicos sobre a ruralidade. **Revista Rural & Urbano**. Recife. v.6, .1, 2021b. p.27-46.

ALVES, Flamarion Dutra. Cidades do café: a especialização territorial produtiva da cafeicultura em Minas Gerais. XX Encontro Nacional de Geógrafos, São Paulo: AGB. **Anais...**2022. p.1-12.

ALVES, Flamarion Dutra (Org.). **A interface rural-urbana nas cidades pequenas no sul de Minas Gerais**. Alfenas: Editora da Associação dos Geógrafos Brasileiros - Alfenas, 2023. 311p. <http://dx.doi.org/10.29327/5137550>

ALVES, Flamarion Dutra. Mundialização da cafeicultura na Região Imediata de Alfenas-MG. **Caderno de Geografia**. Belo Horizonte. v.33, n.1, p. 2023.

<https://doi.org/10.5752/P.2318-2962.2023v33nesp1p186>

ALVES, Flamarion Dutra; ESTEVES, Thiago Verissimo. Relações de trabalho e precarização na indústria têxtil de Paraguaçu-MG: o caso da produção de ternos. **Pegada - A Revista da Geografia do Trabalho**. Presidente Prudente, v. 21, n. 2, p. 199-227, 2020.

ALVES, Flamarion Dutra; LINDNER, Michele. Agronegócio do café no sul de Minas Gerais: territorialização, mundialização e contradições. **OKARA: Geografia em debate**.

João Pessoa, v.14, n.2, p.433-451, 2020. <http://dx.doi.org/10.22478/ufpb.1982-3878.2020v14n2.54246>

ANDRADE, Alexandre C.; ALVES, Flamarion D. A Geografia das pequenas cidades no Sul de Minas Gerais: uma proposta classificatória. p. 62-97. *In*: MANFIO, Vanessa;

BENADUCE, Gilda Maria Cabral. (Org.). **A geografia das pequenas cidades: estudos teóricos e práticos**. Rio de Janeiro: Libroe, 2021. [http://dx.doi.org/10.35417/978-65-](http://dx.doi.org/10.35417/978-65-991247-7-8_62)

[991247-7-8_62](http://dx.doi.org/10.35417/978-65-991247-7-8_62)

- BARZOLA, Erika Judith. La mercantilización del agro y la resistencia contra el extractivismo agrícola sojero en Argentina. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba. v. 5, n. 7, p. 10376-10389, 2019.
- BENKO, G.; PECQUEUR, B. Os Recursos de Territórios e os Territórios de Recursos. **GEOSUL**. Florianópolis. v.16, n.32, 2001. p.31-50.
- BLACK, Clarissa. Preços de commodities, termos de troca e crescimento econômico brasileiro nos anos 2000. **Indicadores Econômicos FEE**. Porto Alegre. v.42, n.3, p.27-44, 2015.
- BRANQUINHO, Evânio S.; SILVA, Eduardo A. (Re)estruturação das cidades médias do Sul de Minas Gerais: uma análise morfofuncional comparativa de Alfenas e Poços de Caldas. **Caderno de Geografia**. Belo Horizonte, v. 31, número espacial 2, p. 3-29, 2021.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Globalização e estruturação da rede urbana – uma nota sobre as pequenas cidades. **Território**, Rio de Janeiro. v. 4 n.6, p. 43-53, 1999.
- CORRÊA, Roberto Lobato. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 30, p. 05 - 12, 2011.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Agentes sociales, escalas y producción del espacio: elementos para una discusión. **Ikara. Revista de Geografias Iberoamericanas**. Albacete, n.2 p.1-10, 2022.
- CORREIA, Guilherme G. S.; FREIRE, Mariana R.; ALVES, Flamarion Dutra. A territorialização cafeeira na Região Imediata de Alfenas-MG: a dinâmica das cidades pequenas. **Geofronter**. Campo Grande v. 8, p. 1-19, 2022.
- ELIAS, Denise. Consumo produtivo e urbanização no Brasil: as cidades do agronegócio. **Ciência Geográfica**. Bauru. v.26, n.2, p.1003-1019, 2022.
- FIGUEIREDO, Rafaela S. C.; ANDRADE, Alexandre C.; ALVES, Flamarion D. A universidade e as dinâmicas socioespaciais em uma cidade média: o caso da UNIFAL-MG, em Alfenas, Minas Gerais. **Revista Geoaraguaia**. Barra do Garças, v. 12, n.1, p. 192-211, 2022.
- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Tradução Sérgio Faraco. 13. Reimpressão. Porto Alegre: L&PM, 2019.

GÁLVEZ, Luis Eduardo Castillo. La mercantilización de tierras agrícolas como proceso de desterritorialización: El caso de la parroquia Vilcabamba del cantón Loja. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial Rural). Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, FLACSO Ecuador, Quito, 2020.

GODOY, Marcos J; ALVES, Flamarion D. A dinâmica funcional da rede urbana nas cidades médias no sul de Minas Gerais. **Anais...VI Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional**, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2013. p.1-21.

GONÇALVES, Reinaldo. **O nó econômico**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

IBGE – **Censo Demográfico 2010**. Disponível em:

<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2010/inicial> Acesso em: 07/02/2024.

IBGE – **Censo Demográfico 2022**. Disponível em:

<https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/> Acesso em: 10/02/2024.

IBGE – **Contas Nacionais e Regionais 2021** – Produto Interno Bruto dos Municípios.

Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pib-munic/tabelas> Acesso em: 08/01/2024.

IBGE - **Regiões de Influência das Cidades (2018)**. Rio de Janeiro, 2018. 194 p.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. A geografia agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro. *In*: CARLOS, Ana Fani et al (Orgs.) **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 2002. p.63-110.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. Barbárie e modernidade: as transformações no campo e o agronegócio no Brasil. *In*: STEDILE, João Pedro (Org.) **A questão agrária no Brasil: o debate na década de 2000**. São Paulo: Expressão Popular, 2013. p.103-172.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Mundialização da Agricultura Brasileira**. São Paulo: Iandé Editorial, 2016.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A reapropriação social da natureza e a reinvenção dos territórios: uma perspectiva latinoamericana. 9º Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología Rural (ALASRU), Ciudad de México: ALASRU. **Anais...** 2014. p.1-26.

RIELLA, Alberto; MASCHERONI, Paola (Orgs.). **Asalariados rurales en América Latina**. Montevideu: CLACSO/UDELAR, 2015.

SILVA, André de Paula; AZEVEDO, Sandra de Castro. A cidade pequena e sua relação com a cidade Média: o caso da cidade pequena de Paraguaçu - MG no contexto da globalização. p.201-218. *In*: ALVES, Flamarion Dutra (Org.). **A interface rural-urbana nas cidades pequenas no sul de Minas Gerais**. Alfenas: Editora da Associação dos Geógrafos Brasileiros - Alfenas, 2023. 311p.

VALE, Ana Rute do. A agricultura familiar no contexto do agronegócio do café no Sul/Sudoeste de Minas: variações sobre o mesmo tema. *In*: FERREIRA, Marta Marujo; VALE, Ana Rute. (Orgs.) **Dinâmicas Geográficas no Sul de Minas Gerais**. Curitiba: Appris, 2018. p.17-48.